



XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Mídia: Instrumento Fundamental na Construção das Identidades – Um estudo empírico¹

Oriana Monarca White
Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

Resumo

O presente trabalho é derivado da tese de doutorado “São Paulo: Território Intercultural de *Um Só Coração*” a qual teve por finalidade relacionar três conceitos amplos: mídia, interculturalidade e identidade. Concretizou este objetivo mediante a realização de seis pesquisas, nas quais estes temas foram investigados transversalmente: três delas foram relativas ao processo de produção e três foram realizadas junto à recepção. Utilizou, como instrumento midiático, a minissérie *Um Só Coração*, produzida pela Rede Globo de Televisão em 2004, cujo cenário primeiro é a cidade de São Paulo com sua formação multiétnica.

Os resultados desta tese mostram a forte influência que a produção televisiva ficcional tem na construção das identidades (individual e coletiva) do telespectador e como uma megacidade como São Paulo influencia na arquitetura de uma identidade mundializada, caracterizando-se como *locus* produtor propício para o desenvolvimento de uma cidadania planetária responsável.

Além disso, exemplifica, através da minissérie utilizada, como a mídia pode promover um serviço educativo às audiências, engrandecendo o receptor por meio do entretenimento ao proporcionar-lhe não apenas cultura, mas desencadeando um processo reflexivo profundo que se traduz na construção contínua de sua própria identidade.

Palavras-chaves:

Ficção televisiva; transculturalidade; identidade; recepção; cidadania planetária.

Resultados:

1 – Objetivos, Estratégias Metodológicas e Coleta de Dados

¹ Trabalho apresentado ao NP14 – Ficção Seriada, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa Intercom.



Um dos objetivos da tese (Monarca White, 2005) que originou este *paper* teve por finalidade básica verificar como uma produção televisiva ficcional atua na construção das identidades (individual, coletiva e mundializada) de suas audiências.

Para tanto utilizou, por referência, o modelo metodológico de pesquisa desenvolvido por Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2001), o qual teve papel fundamental no modo de definir o universo empírico, a seleção dos dados significativos, sua sistematização e interpretação, mostrando tratar-se de uma maneira eficiente de entender o processo de investigação científica.

As estratégias metodológicas utilizadas nesta tese utilizaram uma abordagem multi-metodológica de cunho quali-quantitativo, desenhadas por meio de seis pesquisas.

O desenho metodológico aqui utilizado tornou-se bastante complexo, pois buscou compreender o processo de comunicação de maneira inovadora, não se desenvolvendo através de um modelo linear que apenas investiga a relação emissão X mensagem X recepção. Procurou-se levar em conta a complexa estrutura de relações que envolve um processo de comunicação efetivo.

Para isso valeu-se da abordagem teórica de Stuart Hall sobre a codificação/decodificação (2003:386-403), pensando o processo de comunicação como *uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução*. Para Hall, isto significa pensar o processo de comunicação como uma “complexa estrutura em dominância”, sustentada através de práticas conectadas, em que, no entanto, cada uma manteria sua distinção e teria uma modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência.

Em realidade, o grande objetivo desta metodologia complexa foi o de conseguir diferentes discursos, *corpora* primeiros de análise, que pudessem permitir um entendimento privilegiado da troca comunicativa realizada mediante as diferentes mediações.



Segundo Hall (2003:387-402), *os momentos de codificação/decodificação, embora apenas relativamente autônomos em relação ao processo comunicativo como um todo, são momentos determinados*. Ele dá como exemplo o fato de que um evento histórico “bruto” não pode, nesta forma, na forma bruta, ser transmitido por um telejornal.

Para ser transmitido, o acontecimento deve ser significado dentro das formas visuais e auditivas do discurso televisivo, e, portanto, *o acontecimento deve se tornar uma “narrativa” para poder se transformar em evento comunicativo*. É sob a forma discursiva que a circulação do “produto” se realiza. E, uma vez concluído, o discurso deve ser traduzido, ou seja, deve ser transformado em práticas sociais para que o circuito de comunicação se complete e produza efeitos. Portanto, se nenhum sentido é apreendido, não pode haver “consumo”, não pode existir o processo de comunicação. Sob este prisma, a audiência é ao mesmo tempo “fonte” e “receptor” da mensagem televisiva.

Assim, para este autor, *produção e recepção da mensagem televisiva não são idênticas mas estão relacionadas: são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo*.

Neste sentido, o entendimento do processo comunicativo não pode ser obtido através de uma teorização positivista de causa e efeito, com foco apenas no comportamento produzido. Antes que uma mensagem possa ter um efeito, um uso, uma necessidade, ela deve, primeiro, ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. *É esse conjunto de significados decodificados que tem um efeito, influencia, entretém, instrui ou persuade, com conseqüências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas*. E continua enfatizando que *...em um momento “determinado” a estrutura emprega um código e produz uma mensagem; em outro momento determinado, a “mensagem” desemboca na estrutura das práticas sociais pela via de sua decodificação*.

Desta forma, o “conhecimento” discursivo é o produto não da transparente representação do “real” na linguagem, mas da articulação da linguagem em condições e relações reais. Segundo ele, *a aparente fidelidade da representação à coisa ou ao*



conceito apresentado, é o resultado, o efeito, de uma certa articulação específica da linguagem sobre o “real”. Logo, é o resultado de uma prática discursiva.

Assim, o “charme da história” na montagem desta metodologia consistiu em produzir diferentes discursos, diferentes narrativas, sobre os mesmos temas, em momentos diferentes e permitir delimitar as relações existentes entre as mensagens pretendidas pela produção na elaboração do produto, as mensagens ofertadas pelo produto e reproduzidas pela mídia convencional e as mensagens interpretadas, decodificadas pelas audiências após o consumo.

Segundo Hall, as estruturas de produção que originam os discursos televisivos não constituem um sistema fechado. Elas tiram *assuntos, tratamentos, agendas, eventos, equipes, imagens da audiência, “definições da situação” de outras fontes e outras formações discursivas dentro de uma estrutura sociocultural e política mais ampla da qual são uma parte diferenciada.* Ou seja, entre o que o autor da minissérie pretendeu passar, o que a produção conseguiu produzir, o que a mídia convencional repercutiu, o que as audiências assistiram em decorrência da minissérie (festas, exposições etc.), além da origem étnica da audiência, existe um mundo de significados, que produzem infinitos discursos, múltiplas conexões.

Tentar seguir a abordagem exposta por Hall traduziu-se na necessidade de realizar seis pesquisas de campo, cada uma delas investigando as mediações em foco mas com técnicas complementares e em momentos diferenciados.

Assim, tendo a intenção de relacionar o assunto interculturalismo com identidade na minha tese de doutorado e sabendo de antemão da possibilidade de ser produzida uma minissérie sobre São Paulo onde se retratavam as diferentes etnias que a habitam, resolvi conversar com os autores para saber exatamente do que se tratava e relacionar de antemão as etnias que seriam apresentadas na minissérie.

Este dado forneceu uma qualidade ímpar à tese, uma vez que fez existir um material anterior ao processo de comunicação que se deflagrou ao ser veiculado o primeiro capítulo. Para tanto, um conjunto de discursos foi coletado junto às “futuras possíveis



audiências” sobre os sentimentos e comportamentos decorrentes de suas etnias, discursos estes independentes do estímulo televisivo, não contaminados por este. Digamos que conseguimos ter um retrato “puro” das significações das etnias, sem uma interferência midiática específica.

Desta primeira conversa com Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, ainda em 2003, ficou claro que, com maior ou menor participação, pelo menos oito eram os grupos étnicos que faziam parte da trama da minissérie. São eles: paulistanos, quatrocentões, italianos, portugueses, espanhóis, alemães, judeus, japoneses, e libaneses.

A partir deste conhecimento foi elaborada a primeira pesquisa, denominada **R1**, para entender o que significava a interculturalidade e como a mídia e São Paulo poderiam estar vinculadas a ela e à formação da própria identidade. Os dados foram coletados antes do início da minissérie com entrevistas em profundidade com mulheres das etnias que iriam ser consideradas na minissérie e serviram para orientar as outras fases da tese.

Em 6 de janeiro de 2004 inicia-se a minissérie *Um Só Coração* e com ela duas outras pesquisas são deflagradas: **P1**, para entender o Produto que estava sendo apresentado, sendo gravados os capítulos e montada a trama das etnias e **P2**, uma clipagem do que a mídia estava repercutindo sobre *Um Só Coração*.

Quando finalizada a minissérie foi realizada a pesquisa **P3**, uma entrevista com os autores para verificar quais foram os objetivos pretendidos com a minissérie e quais os efetivamente obtidos após a verificação do resultado do produto acabado.

Passados seis meses do término da minissérie, foi realizada a quinta pesquisa, **R2**, junto a mulheres que haviam assistido à minissérie e descendentes das etnias consideradas na minissérie.

Ao término desta, algumas relações descobertas durante o processo e diferentes nomenclaturas utilizadas por vários teóricos foram verificadas através de uma pesquisa quantitativa aqui denominada de **R3**.



A estratégia multimetodológica decupada em diferentes momentos do processo de comunicação mostrou-se fundamental para entender os vínculos existentes entre os diferentes significados apreendidos pelas várias amostras consideradas. Elas somavam informação não de forma linear mas complementar, aprofundando o entendimento e possibilitando vislumbrar novos horizontes para a pesquisa em comunicação. Em todos estes momentos as áreas de investigação eram as mesmas e refletiam as diferentes mediações.

A utilização de um procedimento amplo qualitativo acoplado a uma finalização quantitativa foi fundamental para balizar a necessidade de construir a rede de conhecimentos necessários para o entendimento do processo de comunicação com a profundidade necessária, mas também permitiu, à luz das principais relações percebidas durante a aplicação dos métodos qualitativos, verificar quais as mais significativas quando se pensa no universo de audiências.

2 - Os Resultados das Pesquisas sobre a Produção da Minissérie

Através de 53 capítulos, a minissérie *Um Só Coração*, da Rede Globo de Televisão, homenageou a cidade de São Paulo em seus 450 anos. Mas não só. Ela homenageou também o telespectador, fornecendo-lhe parte de sua história e do contexto em que vive. Imbricou o profundo conhecimento derivado do nível cultural de seus autores – Maria Adelaide do Amaral e Alcides Nogueira – à criação de uma trama que permitiu que o processo de identificação, em seus vários ângulos, pudesse se instalar. Ofertou a possibilidade de crescimento das identidades das audiências, mediante a reconstrução da cultura percebida por cada um, tanto em sua identidade individual como coletiva.

Segundo aponta Lopes (2004:126), *as identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na construção-reconstrução dessas identidades*. Neste sentido, ela menciona que *o que experimentamos culturalmente como próprio em termos nacionais ou latino-americanos responde cada dia mais ao que a dinâmica da lógica da comunicação mediática nos faz sentir como tal*. Fundamentalmente... *a comunicação, com suas mediações e suas dinâmicas, é dimensão constitutiva das culturas, grandes ou pequenas, hegemônicas ou subalternas*.



Neste sentido, compreender as transformações culturais *implica deixar de pensar a cultura como mero conteúdo dos meios e pensá-la como um processo de comunicação regulado simultaneamente por duas lógicas: a das formas, ou matrizes simbólicas, e a dos formatos industriais.* (Lopes, 2004:127).

Embora os autores tivessem tido a preocupação de gerar um produto que atendesse por um lado às expectativas comerciais da emissora e dos patrocinadores, e por outro às dos telespectadores, o resultado parece ter transcendido ambos.

Mesmo alocada após um programa de forte impacto como *Big Brother* e praticamente à beira da meia-noite, o processo de “espelhar-se”, para o telespectador, falou mais alto, gerando índices elevados de audiência, os quais gravitaram entre 28 e 38 pontos no Ibope.

Evidentemente isto não foi em vão. Muitos detalhes histórico-culturais que a densa formação intelectual dos autores permitiu introduzir na trama da minissérie reverberaram nas mentes dos que estavam sentados, assistindo, quietinhos, ao desenrolar da trama.

Segundo os autores, o objetivo do processo criativo foi o de encontrar um caminho que unisse os aspectos melodramáticos do enredo, em que o romance era fundamento primeiro, com elementos étnicos específicos que pudessem falar com as diferentes raças e etnias que compunham grande parte da identidade de São Paulo. Além disso, tiveram a preocupação de estar passando uma parte histórica associada a uma etapa importante da vida brasileira, tanto em relação à expressão artística (por meio do movimento modernista) como à política, demonstrando os reflexos da agitação operária nas greves anarco-sindicalistas que os imigrantes europeus traziam, além da revolução de 1924, da queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 e do início do processo de industrialização no Brasil. História pura!

Criou-se uma minissérie. Mas não foi uma criação linear. Produzida a várias mãos, foi o resultado, ora cristalizado, ora um ir e vir, um pesquisar constante, um incorporar, amalgamar e retirar permanente. Enfim, o produto produzido já é resultado de um



processo receptivo, refletindo a práxis da busca de um conteúdo em constante transformação. No conjunto de opiniões estavam não apenas a dos autores e seus assistentes, mas das pessoas com as quais entravam em contato para reconstruir a vida das famílias e a história de São Paulo. Toda uma rede de relacionamentos novos foram estimulados e boas amizades foram feitas neste processo.

Por que tamanha adesão? Evidentemente, qualquer ser humano gosta de contar de si e de sua história de vida, especialmente quando ela vai ser contada pela televisão, pela Rede Globo! Que homenagem poderia ser mais visível do que essa? Que presente poderia ser mais “globalizável”, explícito e amplo?

Patenteia-se, desta forma, o que aponta Baccega, (1999:17) afirmando que *o ponto central da abordagem das questões de linguagem não é, portanto, a produção individual que se manifesta nos atos da fala, mas sim o processo de produção do sistema de regras e convenções que preside essa produção individual, ou seja, a natureza histórico-social deste processo.*

Apenas um aparte metodológico. Não há maneira de isso ser captado de modo quantitativo, por mais acurado que seja o método, pois estamos lidando com um processo em que, segundo Baccega, *em ambos os níveis – enunciador e enunciatário – haveremos de buscar as motivações, as intencionalidades, os interesses, as necessidades e, sobretudo, os condicionantes sociais presentes em um determinado segmento econômico, do qual fazem parte os interlocutores. E mais: tais processos, que são os processos de produção da competência lingüística, são também os processos de produção de ideologia.*

Isto significa dizer que tudo o que foi pensado e criado pelos autores, a profundidade das relações que eles quiseram passar para o telespectador, está diretamente relacionado a um processo histórico-social, revelador de uma determinada ideologia, que precisa ser compreendida para ser internalizada, enfim, para produzir comunicação.

Neste sentido, para que este conhecimento profundo possa ser absorvido pela audiência, é necessário que ela seja competente para tal ou que um aprendizado seja desenvolvido. Sem esta competência, o processo de comunicação não produz significado ou produz



um significado distorcido.

Conforme menciona Stuart (2003:391), quanto mais elevado o grau de simetria entre codificador-produtor e decodificador-receptor, maior será a comunicação desenvolvida entre ambos. Quanto menor, mais distante poderá ser considerado o poder de comunicação que a mensagem dada produzirá.

Assim, possibilitar um processo de compreensão entre o que os autores quiseram dizer e o que os telespectadores entenderam, passa pelo crivo da capacitação da audiência. Em um país como o nosso, onde o nível educacional e cultural é bastante baixo, como o profundo conhecimento de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira foi assimilado e acomodado?

Se considerarmos tanto os telespectadores leigos à construção de conteúdo midiático como a própria mídia especializada como decodificadores-receptores do produto *Um Só Coração*, verificamos, por meio das pesquisas aqui realizadas, que o arcabouço histórico-cultural passado pelos autores foi muito mais assimilado pelas telespectadoras do que pela mídia institucionalizada! Focando especialmente a vida dos artistas que faziam parte da minissérie, e preocupada em antecipar os próximos capítulos, poucas foram as reportagens e os debates que surgiram na mídia que ajudaram a “capacitar a audiência”, propiciando a expansão dos conhecimentos da população.

Nas principais revistas e jornais do país este processo de construção de sentido “cultural” foi realizado apenas no início da minissérie, muito pouco diante da magnitude de conhecimento possibilitado e permitido pelos autores. Os inúmeros detalhes histórico-culturais presentes na trama não geraram tantas pautas como o ti-ti-ti que a vida dos artistas provocava.

A mídia institucionalizada deu mais espaço e, em consequência, disponibilizou muito mais a possibilidade de a população se identificar com as celebridades do que com os elementos identificatórios da própria história de vida, da própria identidade individual e coletiva dos habitantes de uma cidade como São Paulo. Enfim, deixou de aproveitar a “deixa” de prestar um serviço educativo exponencialmente mais profundo com o que estava sendo ofertado pela TV Globo.



Esqueceram-se de produzir comunicação reforçando o conhecimento sobre um processo histórico-social de relevada importância (e toda uma ideologia de povo que poderia estar sendo construída ou discutida) e preferiram trabalhar cotidianamente com a ideologia da valorização das personalidades, expressa em inúmeras pautas sobre, por exemplo, o estilo dos vestidos usados pelos atores em uma determinada festa.

Realmente, se assumirmos a importância que a mídia tem em nossos dias, dando-nos, conforme aponta Silverstone (1999:24-26), uma textura geral de experiência (pontos de engajamento, de referência, fornecendo-nos elementos de dimensão social, cultural, política e econômica), e se, segundo ele, os infinitos fluxos de reapresentação da mídia são interrompidos por nossa participação neles, então o que a mídia fez com *Um Só Coração* não só deixou de propiciar conhecimento e educação para as audiências como fortaleceu a construção de uma identidade individual e coletiva, uma subjetividade, calcada em valores nos quais o poder concentra-se no modelo de celebridade e em um estilo de vida em que a aparência, o *glamour*, representam o sucesso. Esta acaba sendo a fonte, o caminho pelo qual reconhecer o Outro e, em conseqüência, a nós mesmos.

E se o que diz Silverstone (1999:24) é verdade, sobre o fato de que as histórias são apreendidas tanto no interior como ao redor dos textos midiáticos e elas nos produzem prazer e ordem, e que, neste processo de interpretação, reside a formação da cultura, logo... a repercussão que a mídia fez de *Um Só Coração* produziu um novo texto que interferiu diretamente na formação da cultura de nosso povo. Diz ele que nossas histórias são textos sociais que convertem os eventos e idéias, tanto da experiência como da imaginação, em contos diários apresentados nas telonas e nas telinhas, e que nos oferecem textos para que nos posicionemos, nos identifiquemos com personagens e tons e *sigamos a trama e retiremos alguma coisa da capacidade de imitação da narrativa... [quando fazemos isso] estamos investigando sua capacidade de articular alguma coisa de nossa cultura comum.*

Assim, no processo reflexivo, intrínseco à construção de identidade, estes elementos entram como possibilidades de modelos e configuram uma cultura a ser seguida, propulsionam a aprendizagem, capacitando a audiência, cada vez mais, para que este tipo de mensagem seja reforçado e, cada vez mais facilmente, em processo espiralar,



assimilado e incorporado.

Capacitando a audiência, esta estará sempre mais em sintonia com novas mensagens que tenham a ver com a construção de um sentido próximo, perpetuando-as e criando um grau de simetria afinado entre codificador-produtor e decodificador-receptor, fazendo com que as audiências se identifiquem cada vez mais com textos similares, os quais se esvaíam por subtextos também cercantes.

Isto significa dizer que, quanto mais falarmos dos vestidos das celebridades e menos utilizarmos os elementos histórico-sociais de nossa formação como país, mais estaremos capacitando a audiência para que ela se identifique com uma ideologia que promove a celebridade em detrimento da cultura de um povo.

Silverstone segue mencionando (1999:29) que *a experiência não se resume ao senso comum, nem à performance corporal. Tampouco se encerra na simples reflexão sobre sua capacidade de ordenar e ser ordenada. E continua afirmando que... borbulhando sob a superfície da experiência, perturbando a tranqüilidade e fraturando a subjetividade, está o inconsciente. Ele nos oferece um caminho para dentro dos territórios ocultos da mente e do significado. A experiência, tanto a mediada como a da media surge na interface do corpo e da psique. E claro, se exprime no social e nos discursos, na fala e nas histórias da vida cotidiana, em que o social está sendo constantemente reproduzido... Para ele nos confrontamos com uma estética e uma ética... da vida cotidiana, para as quais a mídia nos fornece... tanto os instrumentos como os problemas: os conceitos, categorias e tecnologias para construir e defender distâncias, para construir e manter conexões.* (1999:30-32)

3 - Resultados das Pesquisas de Recepção

Incrível foi perceber que o lado histórico-cultural da minissérie foi exatamente aquele no qual a telespectadora se enganchou! Aproveitou o produto disponibilizado pela Rede Globo para fortalecer seus laços com a cidade, sua cultura e, fundamentalmente, com a multietnicidade que permeava a trama e sua alma. Aprendeu, lembrou, refletiu e permitiu que um processo de comunicação se instalasse para “trans-construir/formar” sua identidade individual e coletiva.



E o fez materializando discursos, refletindo sua polifonia e assumindo sua subjetividade plural. Cada cena produzida fornecia uma infinidade de pistas que geravam discursos variados, reflexo das diferentes formas de interpretar o percebido. O que se processa dentro da mente dos indivíduos, quais as sinapses feitas, qual o encadeamento de idéias que levam a uma determinada interpretação e, em decorrência, quais os valores, os sentimentos e os comportamentos que são promovidos em função disso, representa um campo de estudo que de certo modo faz entender e fundamenta o próprio processo de mediação, e que faz vislumbrar a importância de estudar o campo da comunicação em estreita relação com o da psicologia. Esta importância fica clara quando se analisam os resultados decorrentes das opiniões das mulheres investigadas.

Antes do início da veiculação da minissérie, verificou-se a importância que a etnia representava para o ser humano. As tradições de além-mar, os rituais festivos, a música, a alimentação oferecida à família, os valores passados para os filhos etc. muito têm a ver com o que já está incorporado no inconsciente coletivo definido por Jung e que é repassado nos primeiros anos de vida pela família – segundo Freud, formando a “identidade de percepção” e repensado ao longo de toda a vida na formação da “identidade de pensamento”. (1999)

Esta identidade de pensamento, em constante formação, assimila os aspectos interculturais e os incorpora à identidade de percepção como uma forma de minimizar os efeitos dissonantes que o convívio simultâneo com diferentes etnias impinge ao indivíduo. Em efetivo, busca minimizar o desprazer.

Este processo é complexo e revela uma alta dose de ansiedade pelos conflitos que gera. Assim, paulatinamente, os conflitos vão sendo internalizados, entendidos e ressignificados até produzirem uma construção discursiva plausível, disponível para ser utilizada como constructo para minimização do desprazer, do dissonante.

A essência dos conflitos fica evidente nos resultados obtidos com as telespectadoras, todas multiétnicas, demonstrando a existência de um processo constante de reflexão, deixando claro como a auto-identidade surge como um processo reflexivo e não estático (Giddens,1999:37). Este processo reflexivo não se verifica em uma fase específica da



vida, em um momento de crise existencial, mas as acompanha ao longo das menores decisões do cotidiano, colocando-as, constantemente, diante do Outro como parte identitária de seu Eu plural.

Como resultado deste processo, surge uma pessoa mais versátil, flexível, fluida diante das realidades do mundo. Atenuam-se os recalques, tudo relativiza-se e o convívio em um território flutuante, com realidades porosas, sem significados assegurados, torna-se mais ameno, mais fácil (Maffesoli em Baumam, 2000: 238).

Essa adaptabilidade, “liquidez”, condição primeira em um mundo em processo de globalização, a faz sentir-se mais moderna, atual, ampliada, cosmopolita, e permite que se desenraíze de forma menos conflitiva, produzindo uma mudança e demonstrando que a cultura não é um código imutável, ao contrário, patenteando que “toda cultura viva muda” se transmuta e que essa “transculturização” vem facilitar o *desenraizamento, em todos os sentidos da palavra*. (Todorov, 1999:25). Essa transculturização é vivida de maneira assumida e intensa como algo altamente positivo.

Segundo esse mesmo autor, *o homem desenraizado... sofre em um primeiro momento. ... Contudo diz ele aprende a não mais confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos... descobre a curiosidade e aprende a tolerância*. (1999:27).

Desta maneira, a identidade em constante construção parece configurar uma nova identidade étnica, uma subjetividade única mas plural (Baccega, 2002:16-17), pois reelabora os discursos da sociedade, armando uma subjetividade formada com base na materialidade constituída pela manifestação dos vários discursos, utilizando, como matéria-prima, os signos da sociedade pelos quais estes discursos gravitam. Forma-se um novo grupo de sujeitos, os “cruzados”, os “transculturais”, que transcendem os territórios delimitados por sua cidade, seu país.

Se a identidade étnica é um sistema de representação cultural, um modo de construir sentido que influencia tanto nossas ações como a concepção que temos de nós mesmos, então nossa pesquisa confirma que o caminho é de mão dupla, ou seja, que a subjetividade ampliada gera, por sua vez, uma nova expressão cultural, configurada por



um novo tipo de cidadão, o multiétnico, o que conhece e aceita a diversidade cultural com tolerância, e em função disso se amplia.

4 – Conclusões

Este estudo, assim, atesta na prática (pois produzido por meio da investigação do receptor) o que Hall afirma quando diz que *a alternativa [para que as culturas emergentes não se sintam ameaçadas pela globalização] não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura do mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora” que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna* (2003:47).

Caros latino-americanos, somos a expressão viva da modernidade e da possibilidade de reforçar o slogan de “um novo mundo é possível”, no qual a tolerância e a solidariedade se instalam na conformação de uma transculturalidade que representaria não uma internacionalidade mas sim uma transnacionalidade.

Com relação a isto, esta tese corrobora e nos ajuda a entender, *a partir das margens*, conforme metáfora de Jesús Martín-Barbero, o que ele nos incita a pensar. Para ele, *o mundo nos vem da geografia ao nos dizer que a ausência de categorias analíticas e de história do presente nos mantêm mentalmente ancorados no tempo das relações internacionais, quando o que estamos precisando pensar é o “mundo”, isto é, o passo da internacionalização à mundialização*, referendo-se ao exposto por Milton Santos (2004:271).

Continua dizendo que a globalidade-mundo *fala de uma nova maneira de estar no mundo... a nova significação do mundo já não é assimilável à maneira “real”, nem derivável... do Estado-Nação*. Para ele, *o conhecimento acumulado sobre o nacional responde a um paradigma que não pode dar conta nem histórica nem teoricamente de toda a realidade na qual se inserem hoje indivíduos e classes, nações e nacionalidades, culturas e civilizações... Outra fonte de imaginários do mundo é a visão da Terra que nos deu a câmera de um satélite, essa primeira imagem que tivemos desde o espaço* (2004: 272.)



Possivelmente aqui esteja a semente de um novo conceito, tão em voga, o de cidadão planetário, passível de viver sob uma governança planetária e com valores e responsabilidades humanas que contemplem a diversidade cultural como forma de manter sua integridade física e psicológica.

Herderson e Ikeda (2005:174) mencionam que *o avanço das pessoas é a fundação de um novo espaço para a sociedade humana. Se esta fundação for firme, a política e a economia se moverão em direção à paz, com horizonte feliz que poderemos chamar de um mundo do ganha-ganha*, e mencionam que precisamos ampliar o conhecimento de nossas responsabilidades como cidadãos planetários; para eles, os poderes tecnológicos deverão nos guiar para redesenhar nossas sociedades, nossas culturas e os valores que irão refletir esse novo lugar.

Assim, se em alguns momentos podem ainda existir resquícios nostálgicos de “desenraizamento” ou de não-pertencimento, a verdade é que se perceber “cruzado” é muito bom. Falar vários idiomas, conhecer diferentes culturas, e fundamentalmente, poder escolher qual pelas incorporar, ou quando e como utilizar seus preceitos, fornece uma segurança e um poder enormes. A possibilidade de miscigenar culturas permite criar seu próprio modo de ser, de se expressar, de existir, permite escolher como moldar sua própria identidade. Mesmo que isto sempre nos seja possível, a discrepância de atitudes que as diferentes culturas ressaltam, amplificam esta potencialidade humana e transformam a interculturalidade em um bem, quase um dom, a ser desenvolvido, um estágio preparatório para se adentrar a mundialidade.

Segundo Canclini (2003:32), *por mais que queiramos restringir nossas pesquisas a um bairro ou a uma cidade, ou aos estrangeiros radicados em um país em particular, chegará um momento em que ... teremos que nos perguntar como estão mudando as estruturas globalizantes e os processos de integração supranacional*.

E reforça a necessidade de entendermos esta realidade através da explicação e da compreensão, articulando *as observações telescópicas das estruturas sociais e os olhares que falam da intimidade das relações entre culturas. Creio que esta tarefa é o recurso-chave para que o futuro da globalização seja decidido por cidadãos*



multiculturais (2003:33).

Seguindo este caminho, nesta tese, verificamos que qualquer tentativa de transformar a experiência étnica em uma possibilidade de formação de gueto foi rechaçada. O caminho é inverso, não se está pensando em ter grupos culturalmente homogêneos mas sim em que as diferentes etnias se expressem em suas verdades para que possam ser difundidas, conhecidas e absorvidas no que for considerado adequado para cada um. É o processo inverso da busca da “raça pura” de Hitler.

Canclini (2003: 159) acredita que é nos meios de comunicação de massa que as grandes cidades desenvolvem seus espaços públicos e que os circuitos midiáticos acabam ganhando mais espaço que os espaços tradicionais de transmissão de informação e imaginários, e propiciam uma oferta cultural a um contingente grande da população mediante experiências macrourbanas e de outros países.

A necessidade que este autor sugeriu de observar de forma telescópica as estruturas sociais e olhar a intimidade das relações entre as culturas foi feito na nossa pesquisa junto à audiência e, efetivamente, os resultados mostraram a riqueza existente em simples diálogos sobre a vida vivida no dia-a-dia.

A minissérie só veio somar e reforçar esta sensação de ter poder através da amplificação das potencialidades étnicas. E falar de São Paulo apenas confirmou seu status cosmopolita, em que a interculturalidade se promove no cotidiano dos relacionamentos humanos.

Assim, a minissérie ofertou aos telespectadores, “de bandeja”, um caldo cultural para que eles percebessem e escolhessem o que queriam utilizar para se mundializar. Disponibilizou a modernidade em capítulos, de forma palatável a qualquer observador.

Muito interessante foi verificar como as mulheres investigadas utilizavam as cenas para retirar o que lhes aprazia, retrabalhando o conteúdo internamente e devolvendo-o de outra forma, cada uma a seu estilo, com uma interpretação particular, explicitando sua opinião através de elementos valorativos que refletiam sua própria experiência de vida, sua etnicidade e sua identidade. Estávamos diante do processo de mediação ao vivo e



em cores!

Os discursos verbalizados davam pistas dos caminhos mentais percorridos e nos forneciam um mapa, uma cartografia, mesmo que vaga, de como ia sendo construída a mediação e os passos do processo. Seguindo o mencionado por Barbero (2004:12-13) *representando fronteiras e construindo imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos*. E deixaram vislumbrar, por meio das falas entrecortadas das entrevistadas, a própria visão do arquipélago, figura metafórica desenvolvida por ele para representar nossos mapas mentais, onde *nossos mapas cognitivos chegam hoje a outra figura, a do arquipélago, pois desprovido de fronteira que o una, o continente se desagrega em ilhas múltiplas e diversas, que se interconectam*. Muitas delas, possivelmente, apenas ao nível do inconsciente.

De modo tênue e complexo, as mulheres entrevistadas nos estavam oferecendo elementos de sua própria identidade e mostrando como permitiam que novos elementos as desestabilizassem ou não, as reforçassem ou não. O processo de construção da identidade também estava em jogo naquele momento, e o identificar-se mais com uma cena, e não com outra, tinha a ver com este processo.

Alguns exemplos merecem ser aqui colocados, não como descrição de dados, mas para explicitar como o material coletado pode ser interpretado e como esta metodologia pode ser um instrumento para o entendimento mais profundo das mediações sob a ótica do “mar” que circunda e engloba o arquipélago mental que nosso imaginário cria e constrói, sistematicamente. Isto foi possibilitado pela transversalidades com que as mediações foram tratadas ao longo da aplicação dos diferentes métodos.

Das cenas apresentadas, uma das que provocou maior impacto, discussão e identificação foi a dos libaneses. A identificação se fazia tanto de forma direta, através dos aspectos específicos desta cultura – como mesa farta, decoração, machismo, etc, feita principalmente pelas participantes do grupo descendentes desta etnia – como de forma indireta, por projeção, verbalizada através do comportamento prepotente da filha e estendendo a conversa sobre a própria filha, ou da cena da mãe doente em que se lembrava da doença da própria mãe ou de pessoas queridas.



Por outro lado, as cenas que produziam menor discussão, empatia, menor identificação eram de duas “índoles”: ou as que não eram percebidas como representantes de determinada etnia – como no caso da cena da Soledad, em que ela não foi vista como uma espanhola típica mas apenas como uma mulher com uma paixão exacerbada, gerando um sentimento de não veracidade da representação –, ou pelo exagero, pela estereotipia exagerada da etnia, como no caso dos italianos reunidos para o almoço com seus macarrões grudados e seu italiano pouco nativo, desvirtuando a discussão para o lado nefasto da mídia e de como ela pode manipular e distorcer a opinião pública.

Ou seja, as cenas não se bastam *de per se*, elas transbordam e geram inúmeras outras idéias e conexões sinápticas, extraídas na própria ecologia mental, substanciando-se no processo cognitivo que as fundamenta.

Neste sentido, o processo da mediação se reveste de uma característica especial que aproxima o campo da comunicação do campo da psicologia, em especial à noologia, que tem por objeto o estudo das funções cognitivas.

Fica evidenciado que estudar o receptor é fundamental para crescer na elaboração de novas teorias. Ele nos fornece pistas importantes para o entendimento sobre a relação entre identidade, interculturalidade e mídia e nos patenteia que a decodificação de uma cena, transportada para dentro do universo cognitivo do sujeito, produz novos textos, uma arquitetura discursiva reveladora de uma trama em que as mediações flutuam, e em que os discursos se fundem, reconstróem e se trans-formam.

Este estudo colocou em evidência o pontuado por Lopes (2002:32) que assume ser a recepção um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem seu cotidiano e vivendo-o se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas, as quais acabam extrapolando suas práticas cotidianas.

Concretiza-se, por meio das mulheres investigadas, a força da linha teórica latino-americana das mediações, enfatizando que a produção de sentido envolvida nos processos culturais não é apenas uma questão de significação, mas também uma questão de poder, segundo enfatiza Lopes (2002:32).



Por meio da pesquisa quantitativa reforça-se o fato de que sentir-se multiétnico é extremamente positivo para os indivíduos, e as principais características que definem esta sensação têm a ver com a de se considerar informado, observador, flexível, fluido. Estas mesmas funções são as primordialmente emanadas pelo fato de viver em São Paulo e estão presentes nas minisséries e novelas, e em especial em *Um Só Coração*.

Este conjunto de mediações, efetivamente, deu poder às telespectadoras, proporcionando-lhes uma força que transcendia a ofertada pela própria subjetividade, oferecendo-lhes um discurso coerente para serem cidadãs do mundo, sem culpa, sem ansiedade.

Neste sentido, informar-se através das cenas na minissérie e observar outras realidades qualifica o telespectador, no caso de *Um Só Coração*, fortalecendo sua identidade enquanto cidadão paulista. Deu-lhe a sensação de pertencimento em duas dimensões: a local e a global.

Em verdade, a produção de *Um Só Coração* forneceu elementos importantes para facilitar uma construção de sentido mais culto, informado, observador, e produzir identidades coletivas mais poderosas e mundializadas do que as celebridades mundanas repercutidas pela mídia.

Mais do que isso, exemplificou como a mídia pode se comportar de maneira cidadã e utilizar suas ferramentas para produzir cultura e instrumentalizar a educação para que se promova um aprendizado mais divertido, leve, com entretenimento.

Com relação a isso, Lopes (2004:297) afirma que, em função de as telenovelas – e aqui consideramos também as minisséries – estarem amplamente baseadas na relação emocional com a audiência, acabam proporcionando a articulação com uma grande variedade de sentimentos e identidades, levando em alguns casos à mistura entre realidade e ficção, o que foi patenteado nos relatos das telespectadoras investigadas. Assim, *as telenovelas obtêm um lugar central na consciência dos espectadores, não apenas no horário nobre, mas ao longo de todo o dia.*

A importância que as telespectadoras dão às narrativas revela para esta autora o



significado social, cultural e até mesmo a função política que pode ser atribuída às telenovelas. Isto foi comprovado nas pesquisas aqui realizadas, nas quais os discursos sobre uma determinada cena transcendiam em muito a trama e desencadeavam problemáticas em várias frentes.

Com certeza comprova-se que as novelas e minisséries tem um poder implícito de promover cidadania na medida em que os problemas vivenciados no enredo são percebidos, assimilados e ressignificados em função das tramas efetivas cotidianas.

Lopes coloca a existência de uma esfera híbrida de significação que emerge como fenômeno sócio-espacial característico do processo de percepção entre as mulheres estudadas: *identificada como uma zona intermediária, sendo tanto de natureza material como simbólica, sendo constitutiva para o processo de produção de significado* (2003:33). Para ela, esta esfera de significação deveria ser vista como uma forma de organização sociocultural e socioespacial do cotidiano, enfatizando o processo de uso da mídia dentro deste. Isso implica uma *organização especial de tempo e espaço, ligada a um código de conduta especial, em que juntos criam a esfera que é central na formação do self, da identidade, controladas pela emoção e com a telenovela como agente central.*

O mesmo foi corroborado nas pesquisas desta tese. Os estímulos visuais, auditivos e sinestésicos oferecidos ao ser humano ao longo da vida são percebidos, assimilados e interpretados de maneiras específicas e refletem o próprio processo de mediação, um processo profundo, íntimo, relacionado com a construção e a reconstrução da identidade individual e coletiva e que a mídia acessa direta e constantemente.

Um poder ímpar que pode em muito contribuir para transformar uma sociedade, uma nação, para melhor, quando conscientizada e focada para tal. Ou... para pior.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida (1998) . *Comunicação e Linguagem. Discursos e Ciência.* São Paulo: Moderna.



- BACCEGA, Maria Aparecida (2002). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas.
- BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANCLINI, Nestor García (2003). *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- FREUD, Sigmund (1999). *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e Identidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HALL, Stuart (2003). *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HENDERSEN, Hazel e IKEDA, Daisaku (2004). *Planetary Citizenship*. Santa Monica, CA: Middleway Press.
- LOPES, Maria V. (2001). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola.
- LOPES, Maria V. et al. (2002) *Vivendo com a Telenovela. Mediações, Recepção, Teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- LOPES, Maria V.(2004) (ORG). *Telenovela – Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola.
- MARTIN-BARBERO, Jesús (2004). *Ofício de Cartógrafo. Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura*. São Paulo: Loyola.
- MONARCA WHITE, Oriana (2005). *São Paulo – Território Intercultural de Um Só Coração*. São Paulo: Tese de doutorado da Escola de Comunicações e Artes da USP.
- SILVERSTONE, Roger. (1999). *Por Que Estudar a Mídia?* São Paulo: Loyola.
- TODOROV, Tzvetan (1999). *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.